

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Rosely Ferreira da Silva

CODA: memórias de filhos de surdos em Paranaíba/MS

**Paranaíba/MS
2016**

Rosely Ferreira da Silva

CODA: memórias de filhos de surdos em Paranaíba - MS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba como exigência parcial para licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientador: Profº Dr. Ademilson Batista Paes

**Paranaíba/MS
2016**

ROSELY FERREIRA DA SILVA

CODA: memórias de filhos de surdos em Paranaíba/MS

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para a obtenção do grau de licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em: 18/11/2016

BANCA EXAMINADORA

Orientador:

Prof^o. Dr. Ademilson Batista Paes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof^a. Me. Radaí Cléria Felipe
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof^a. Sidinea Cândida Faria
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Dedico esta pesquisa para meus pais e para meu esposo, pois comigo tiveram paciência na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus pela força e motivação que me concedeste na realização da minha pesquisa.

A meus pais pelo carinho e por torcerem por mim.

A meu esposo pela paciência nos momentos em que mais precisei.

À minha prima Eliane pela força e motivação.

Ao meu orientador professor Ademilson pela paciência, atenção, orientação e por acreditar no meu potencial.

À professora Me.Radaí pelo auxílio nas entrevistas.

Às minhas colegas de classe pelo auxílio e companheirismo.

A educação bilíngue propicia acesso ao mundo de sua própria cultura como ao da cultura formalmente estabelecida.

(Cyintia Duk, 2006)

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade refletir acerca dos CODA filhos ouvintes de pai e mãe surdos, conhecendo seu contexto familiar e educacional, bem como a relação entre eles. Os CODA são filhos de pai e mãe surdos, porém podem ouvir naturalmente, o que os transformam em auxílio para seus pais, no que diz respeito à sua comunicação, convivência familiar e social, dentre outras. É de fundamental importância a relação entre os CODA e seus pais e/ou responsáveis, pois daí nasce a compreensão, a dedicação e a aceitação; atos estes essenciais para a convivência e comunicação com a sociedade. Para realizar esta pesquisa realizamos inicialmente um estudo bibliográfico das teorias de Duk (2006); Pereira (2010); Andrade (2012) além desses autores que citamos abordaremos outros que serão mencionados ao longo do texto. Em seguida realizamos uma pesquisa de campo, alicerçada pela história oral sob forma de transcrição dos relatos dos CODA. É possível perceber a importância de se estudar os CODA, já que é uma forma de incluir e valorizar seu modo de viver, agir, comunicar.

Palavras-chave: Surdez. História Oral. Bilinguismo.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the codas father listeners children and deaf mother, knowing her family and educational context and the relationship between them. The codas are father of children and deaf mother, but can hear naturally, which turns into aid for their parents in regard to their communication, family and social life and among others. It is vital to the relationship between codas and their parents and / or guardians, for there is born understanding, dedication and acceptance; these acts essential for coexistence and communication with society. To conduct this research initially conducted a bibliographic study of the theories of Duk (2006); Pereira (2010); Andrade (2012) and others. Then we conducted a field survey, supported by oral history in the form of transcription of the reports of codas. You can see the importance of studying the codas, as it is a way to include and enhance the way you live, act, communicate.

Keywords: Codas. Deafness. Communication. Acceptance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL.....	11
1.1 História Oral: Reflexões e Apontamentos	11
1.2 Memória: elemento auxiliador na história oral.....	15
2 CODA: REFLEXÕES E APONTAMENTOS.....	17
2.1 Conhecendo os CODA.....	17
2.2 Caracterizando a surdez.....	20
2.3 Trabalhando com a deficiência auditiva na sala de aula.....	23
3 CODA: TRANSCRIÇÕES DE SUAS EXPERIÊNCIAS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXO 1 – ENTREVISTAS	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo tratar da temática CODA e suas memórias no âmbito escolar e familiar, ressaltando as dificuldades decorrentes do processo de escolarização e experiências de vida dos CODA de Paranaíba – MS.

O interesse em realizar um trabalho relacionado com os CODA (filhos ouvintes de pai e mãe surdos) se deu pelo fato de que é uma temática que aos poucos vem sendo estudada e pesquisada, mesmo que ainda não existam muitas pesquisas relacionadas a esta e também estudar a vivência dos CODA com o meio em que vivem é gratificante, porque estes cotidianamente superam desafios, alicerçando a comunicação dos pais com a sociedade.

Ao realizar as entrevistas e pesquisar sobre o assunto foi possível verificar que existe a necessidade de estimular a inclusão destas pessoas na sociedade, uma vez que, o tema é desconhecido e os CODA sofrem com a discriminação e preconceito diariamente.

Uma das dificuldades encontradas durante a realização das entrevistas foi extrair informações dos entrevistados, uma vez que, devido ao histórico de discriminação, preconceito e até mesmo *bullying*, as quais estas pessoas já foram submetidas ao longo da vida, elas tornaram-se introvertidas e conseqüentemente muito tímidas ao responderem as questões que lhes foram apresentadas na ocasião.

Adentrar a vivência dos CODA é o mesmo que mostrar que eles têm valor, que são importantes para seus pais, sua família, seus colegas e professores. É interessante conhecer o cotidiano destes filhos, eles já são vencedores por não desistirem de se comunicar com seus pais e permanecerem ao lado deles em todos os momentos, são pessoas que aceitam sua vida como ela é, mas não de forma discriminatória e sim de respeito às diferenças e necessidades das pessoas que estão ao seu redor.

As pessoas com surdez, ou deficiência auditiva são impedidas de ouvirem os sons de forma adequada, muitos não escutam nada, outros escutam pouco, e ainda há os que têm uma surdez moderada. Os pais dos CODA são surdos e necessitam ser auxiliados por seus familiares e, ao terem filhos que ouvem, requer um auxílio ainda maior, pois eles podem ajudar na comunicação e interação com os outros.

A deficiência auditiva faz parte do projeto da inclusão escolar ou educação inclusiva, na qual os alunos surdos devem ser auxiliados por educadores capacitados e que tenham perfil da educação bilíngue, ou seja, que habilita para ensinar as duas línguas, Línguas de Sinais (L1) e Língua Portuguesa (L2) que tenham paciência, que os respeitem em seus limites e potencialidades. A pessoa com surdez também tem seu potencial, aprendem a sua maneira e

podem ser desenvolvidos por meio da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) ou por meio da leitura labial com profissionais da área.

Ao realizar esta pesquisa, primeiramente, fizemos um levantamento bibliográfico em relação à temática CODA, abordando os principais autores que pesquisam tal temática. Em seguida, fomos a campo, obter respostas à nossa entrevista sob forma de transcrição existente na história oral.

A pesquisa aqui desenvolvida foi dividida em três capítulos, sendo dois de estudo bibliográfico e um contendo resultados do campo.

No primeiro capítulo “Refletindo sobre a importância da história oral” abordamos teorias de Freitas (2006), Pinsk (2011) e Meihy (2005). Tais teóricos discutem o conceito e a essencialidade da história oral.

No segundo capítulo “CODA: reflexões e apontamentos” refletimos sobre as teorias que abordam o conceito e o contexto dos CODA. Autores como Souza (2010), Streichen e Krause-Lemke (2013) dentre outros.

No terceiro capítulo “CODA: transcrições de suas experiências na família e na escola”, realizamos um apregoado entre a teoria e a prática. Em outras palavras, buscamos relacionar o que foi discutido na teoria com o que foi na prática.

Nas considerações finais foi a oportunidade de tecermos nossos apontamentos, considerando as teorias anteriormente abordadas e os resultados da prática.

1 REFLETINDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA ORAL

As pessoas sempre relataram suas histórias em conversas. Em todos os tempos, a história tem sido transmitida de boca a boca. Pais e filhos, mães para filhas, avós para netos; os anciãos do lugar para geração mais nova, mexeriqueiros para ouvidos ávidos, todos, a seu modo, contam sobre acontecimentos do passado, os interpretam, dão-lhes significado, mantêm viva a memória coletiva. Mesmo na nossa época de alfabetização generalizada e de grande penetração dos meios de comunicação, a real e secreta história da humanidade é contada em conversas e a maioria das pessoas ainda forma seu entendimento básico do próprio passado, por meio de conversas com outros.

Ronald Grele

1.1 História Oral: Reflexões e Apontamentos

Segundo Pinski (2011) a História oral é aquela que nos permite registrar aquilo que as pessoas testemunham, levando-nos a acessar a história no interior da história, ampliando as possibilidades de interpretar aquilo que já se passou.

A História oral é “aquela cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método” (FREITAS, 2006, p. 27).

Queiroz (*apud* FREITAS, 2006, p. 46) afirma que:

As histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidar determinadas questões e funcionam também como provas.

Quando as pessoas relatam sobre seus conhecimentos e experiências vividas, elas contribuem para a pesquisa de história oral, que mais tarde servirão como documentos que esclarecem, indicam e informam.

Nesse sentido, Freitas (2006, p. 46) salienta a importância da história oral, pois esta “[...] fornece documentação para reconstruir o passado recente, pois o contemporâneo é também história. A história oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado”. Ao falar na recuperação do passado, esta autora defende que:

[...] a linguagem auditiva, que se baseia essencialmente no uso da voz, exercerá um papel fundamental. Pois é como discurso que a memória evidencia todo um sistema de símbolos e convenções produzidos e utilizados socialmente. Além disso, a voz é um elemento em si mesmo. Suas variações dão sentido ao texto transmitido,

transformam-no, dando-lhe, muitas vezes, um significado além do que foi meramente dito. (FREITAS, 2006, p. 46)

Vê-se que a voz é um elemento essencial no procedimento da história oral devido à necessidade de falar e ouvir. Este elemento é nutrido de suas próprias aspirações e intenções, influenciado pelo meio social no qual é produzido.

De acordo com Freitas (2006, p. 47):

[...] é pela oportunidade de recuperar testemunhos relegados pela História que o registro de reminiscências orais se destaca, pois permite a documentação de pontos de vistas diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento.

A oralidade ganha destaque quando são recuperados testemunhos pela história, permitindo, assim, o surgimento de diversificadas maneiras de pensar sobre o mesmo acontecimento, que senão estivessem sendo emitidos neste procedimento poderiam estar sujeitos a serem esquecidos.

Pinsky (2011, p.155) aborda que:

A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador, a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas entrevistar, o que e como perguntar, bem como que destina será dada ao material produzido.

Considerada um instrumento de pesquisa e de fontes, a história oral surgiu no início do século XX, quando já tinha inventado a fita e o gravador, conforme citação supracitada. Ela se concretiza em realizar entrevistas que são gravadas intermediadas entre o passado e o presente; entrevistas estas que verificam a maneira mais eficaz de realizar a pesquisa.

A “[...] história oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro das narrativas da experiência humana” (FREITAS, 2006, p. 18). Entrevistar é a técnica que a história oral utiliza para adentrar ao universo dos acontecimentos passados e até então desconhecidos.

Pinsky (2011, p. 156) assevera que:

O trabalho com a história oral se beneficia de ferramentas teóricas de diferentes disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, a História, a Literatura, a Sociologia e Psicologia, por exemplo. Trata-se, pois, de metodologia interdisciplinar por excelência. Além dos campos mencionados, ela pode ser aplicada nas mais diversas áreas do conhecimento: na Educação, na Economia, nas Engenharias, na Administração, na Medicina, no Serviço Social, no Teatro, na Música Em todas

essas áreas já foram desenvolvidas pesquisas que adotaram a metodologia da História oral para ampliar o conhecimento sobre as experiências e práticas desenvolvidas, registrá-las e difundi-las entre os interessados.

Os campos que podem ser beneficiados por meio da história oral são muitos, englobando disciplinas e cursos de formação, seus benefícios são em forma de ampliação do saber em relação às experiências e práticas que poderão ser registradas e difundidas entre os que por ela se interessam. Ainda em conformidade com esta autora, “[...] essas experiências em geral são apontadas como precursoras da História oral moderna, que delas se distingue principalmente por exigir a gravação do relato, em áudio e/ou em vídeo, e também por pressupor uma situação de entrevista com objetos bastante específicos” (PINSKY, 2011, p. 156).

Na concepção de Pinsky (2011, p. 158):

[...] a possibilidade de registrar a vivência de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas representou um avanço para as disciplinas das Ciências Humanas. Mas seu reconhecimento só foi possível após amplo movimento de transformação dessas ciências, que, com o tempo, deixaram de pensar em termos de uma única história ou identidade nacional, para reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidade em sociedade.

A existência da história oral que possibilitou o registro da experiência de grupos significou um forte avanço para muitas disciplinas. Porém, só foi reconhecida quando as ciências se transformaram passando, assim, a reconhecer a sociedade em suas inúmeras histórias, memórias e identidade.

Freitas (2006, p. 49) aborda que a história oral cria potencialidade de “[...] resgatar o indivíduo como sujeito no processo histórico. Consequentemente, reativa o conflito entre liberdade e determinismo ou entre estrutura social e ação humana”.

Na concepção de Meihy (2005, p. 75):

[...] na história oral busca-se o registro da experiência vivencial ou, em alguns casos, informações factuais. Com elas, constitui-se um documento objetivo que vale por si e, nesse caso, dispensa a análise, ou é equiparado a outros discursos ou documentos. O que emerge sempre, portanto, são as afirmações concretas; de fora ficam os esquecimentos, que, contudo, fazem parte da totalidade dos eventos.

Registrar a vivência das pessoas é objeto da história oral que se faz por meio de papéis documentais nos quais ficam registrados os desabafos destas. Nesta mesma concepção, este autor afirma que:

[...] a história oral, diferentemente das abordagens comuns à sociologia, se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto. Afirma-se, pois que cada depoimento para a história oral tem peso autônomo, ainda que se explique cultural e socialmente. (MEIHY, 2005, p. 75)

A autonomia e a individualidade são requisitos da história oral para registrar os depoimentos de cada indivíduo, revelando assim sua identidade. Neste caso da identidade, os documentários da história oral “[...] devem estar atentos para não juntar apenas as semelhanças e afinidades internas dos grupos – atitude muito comum -, mas preocupar-se também com a diversidade entre eles” (MEIHY, 2005, p. 84).

Assim é importante considerar que “[...] a identidade, é, portanto, um fator original redefinido mediante uma herança cultural submetida a situações desafiadoras” (MEIHY, 2005, p. 84).

É salientado por Freitas (2006, p. 18) que a história oral:

[...] ela tem sido sistematicamente utilizada por diversas áreas das ciências humanas, a saber: História, Sociologia, Antropologia, Linguística, Psicologia, entre outras. O uso de fontes orais no trabalho historiográfico é cada vez mais comum.

Em diversas áreas pode-se utilizar os procedimentos da história oral, sua importância e necessidade se recorre de forma diversificada, cada qual considerando suas expectativas.

Segundo Freitas (2005) algumas experiências relacionadas à história oral foram imprescindíveis para o procedimento da história oral, dentre alguns podem ser citados museu da imagem e do som; museu do arquivo histórico e o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Em relação ao CPDOC, a autora pondera que

[...] é o melhor exemplo da bem-sucedida experiência com História Oral no Brasil, tanto pela qualidade de seu acervo, constituído principalmente de entrevistas com personalidades da história política contemporânea do país, quanto pela realização de comunicações, palestras e edições de obras sobre a teoria e metodologia da História Oral. (FREITAS, 2006, p. 31)

Vê-se que este Centro é imprescindível no procedimento da história oral, criando possibilidades de aumentar e qualificar os materiais necessários para fortalecer a metodologia da história oral.

Freitas (2006) argumenta que registrar os depoimentos e entrevistas daqueles que se sujeitam a tais procedimentos é um recurso rico em cultura, tradição e espontaneidade.

Como se percebe, falar da história oral é satisfatório e propício, pois é ela quem cria condições de registros de depoimentos, relatos, desafios e enriquece muitas pesquisas realizadas e as vindouras.

1.2 Memória: elemento auxiliador na história oral

Abordar a questão da memória na história oral é essencial, já que segundo Meihy (2005) ambas estão vinculadas para sustentar fatos que acompanham o passado e o presente, que de uma forma ou de outra contribui para esclarecer muitas coisas que ficaram na interrogativa.

Pinsky (2011, p. 167) diz que:

[...] o trabalho com a história oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias das pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo.

Por meio da memória muitos elementos são negociados, dentre eles a identidade que se configura em organizar e selecionar fatos importantes que revelam o eu de cada grupo e sociedade.

Para Meihy (2005, p. 61) todo fato narrado “[...] tem um conteúdo de passado, contudo é preciso distinguir a memória individual da coletiva ou grupal. A memória pessoal é biológica e psicológica, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente”. Ainda para este autor,

O passado contido na memória é dinâmico como própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa de memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão desde a ênfase ou a entonação até os silêncios e disfarces. (MEIHY, 2005, p. 61)

A memória produz os fatos com dinamismo, podendo mudar e variar em conformidade com os acontecimentos que circundam entre diversas formas de disfarces e entonações.

Meihy (2005, p. 62) defende que:

[...] a história oral mantém um vínculo importante com a questão da memória, e vice-versa. A transposição das narrativas da memória para a história, a sociologia, a antropologia ou outra qualquer disciplina acadêmica, no entanto, se dá na capacidade de diálogo entre a memória, a mediação da história oral e a história ou suas correlatas irmãs.

Tanto a história oral como a memória se relacionam entre si, pois ambas se abrem ao diálogo, permitindo alcançar fatos de caráter multidisciplinar propícios para esclarecer e conhecer relatos.

Freitas (2006, p. 51) diz que memória e história recuperam aquilo que vivemos no passado, pois “[...] memória é o vivido e história é o elaborado. Por meio do resgate da memória se reconstrói o passado”.

Memória e história se fundem e se identificam, já que uma se utiliza da outra para juntas revelarem fatos contidos e vividos no passado evidenciados numa relação dialógica.

É considerado por Meihy (2005, p. 63) que as memórias são “[...] as lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que se seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais”. Muitos são os fatos relatados pela memória correspondendo assim aos concretos, objetivos e materiais.

Assim sendo, podemos perceber que a história oral é sumamente importante nas pesquisas em que englobam fatos e histórias de pessoas num processo dialógico e esclarecer no qual a memória fica em evidência completando, assim, as expectativas do procedimento da história oral.

2 CODA: REFLEXÕES E APONTAMENTOS

2.1 Compreendendo o CODA

Segundo Souza (2010) os estudos em relação ao CODA existem há mais de 20 anos, porém não é uma temática tratada de forma exaustiva. Nestes estudos são focalizadas questões relacionadas com a língua falada e gestual, ou seja, tem nas questões linguísticas a possibilidade de desenvolvimento deste grupo.

Streiechen e Krause-Lemke (2013, p.1):

Hoje, alguns estudos estão voltados também às crianças ouvintes, filhas de pais surdos, a fim de entender o processo de aquisição de sua linguagem, bem como qual das línguas pode ser considerada como língua materna (L1) ou segunda língua (L2). Porém, as fontes de pesquisas nesta área ainda são bastante escassas, por isso tem se tornado um desafio aos pesquisadores que buscam acompanhar a trajetória linguística que permite aos filhos ouvintes de pais surdos adquirirem uma ou mais línguas.

Com a finalidade de compreender como as crianças ouvintes filhos de pais surdos adquirem seu modo de comunicar, alguns estudiosos pesquisam em relação a esta temática, mesmo sabendo que existe a escassez de fontes teóricas o que de certa forma se torna um desafio para estes.

Em conformidade com Streiechen e Krause-Lemke (2013, p. 5) *CODA* é uma sigla da língua inglesa que significa *Children of Deaf Adults* que pode ser traduzida como: “filhos de pais surdos”, ou ainda, “filhos de surdos adultos”. Esta sigla vem identificar a expressão relacionada com crianças educadas por familiares surdos.

CODA são crianças surdas ou ouvintes que têm pai e mãe surdos, ou foram educados por indivíduos com surdez. Assim, tais crianças surdas ou não são consideradas como CODA pelo fato de seus pais ou responsáveis serem surdos (SOUZA, 2010). Este autor ainda afirma que:

Pelo facto de ouvirem e de nascerem em famílias de surdos, este pequeno grupo é ainda pouco conhecido linguística e culturalmente como sendo uma minoria. O acrónimo CODA refere-se ainda a uma organização internacional que anualmente se encontra para celebrar a “terceira identidade”, que porveio das partes surda e ouvinte. (SOUZA, 2010, p. 2)

Os CODA que ouvem e que nasceram em famílias surdas têm sua linguagem e cultura pouco conhecidas, pois são consideradas como minoria. CODA é referente a uma celebração

da “terceira identidade” derivada de uma organização internacional que relaciona pessoas surdas com as ouvintes.

O CODA se comunica por meio de duas línguas maternas (a portuguesa e a gestual), em conformidade com Souza (2010, p. 2):

Esta questão das línguas é extremamente relevante pois a língua gestual e a língua oral estiveram sempre presentes no crescimento linguístico e cultural de uma criança ouvinte filha de pais surdos, o que acaba por moldar a identidade CODA.

Para o CODA a questão das línguas possui considerável relevância, já que tanto a linguagem oral como a gestual sempre fizeram parte de seu repertório comunicativo, o que contribuem para que crianças ouvintes de pais com surdez possam aumentar seus conhecimentos linguísticos e culturais.

Vê-se que, “[...] os CODA de certa forma, “transitam” entre as culturas linguísticas em que estão envolvidos. Falar em língua, portanto, é também falar em culturas. Ao mesmo tempo em que entra em contato com outras línguas, os CODA entram em contato com outras culturas, já que língua e cultura são associáveis.

Os CODA têm a oportunidade de conhecer o bilinguismo e como bilíngues descreve o mundo de variadas formas, o que auxilia na percepção e interpretação do mesmo. (PEAL & LAMBERT *apud* STREIECHEN e KRAUSE-LEMKE, 2013, p. 8)

Na concepção de Streiechen e Krause-Lemke (2013, p. 6)

A necessidade de comunicação reside em aspectos naturais como uma tentativa de compreender e ser compreendido. Portanto, os filhos ouvintes de pais surdos adquirem a língua de sinais de forma natural e há muitos CODA que consideram a língua de sinais como sua língua materna. Por isso, pode se tornar um ouvinte diferente dos outros por apresentar identidade “surda” e, ainda, diferente dos surdos por ter experiências auditivas. Muitas criança ouvintes, quando em contato com a mãe surda, adquirem fluência na língua de sinais e, em alguns casos, a língua de sinais torna-se a primeira língua ou Língua 1 (L1) dessas crianças.

Comunicar-se significa compreender e ser compreendido. Assim para o CODA a língua de sinais é como se fosse sua língua materna, adquirindo para si uma identidade “surda”, porém diferentes dos surdos já que podem ouvir. Não se pode negar que a língua de sinais passa a ter presença frequentemente na vida destes.

Streiechen e Krause-Lemke (2013, p. 6) afirmam que:

Muitos CODA brasileiros só aprendem a língua portuguesa depois de seu ingresso à instituição escolar. É considerada como intérprete por seus pais, já que desde sua infância interpreta-os em várias situações cotidianas.

Há histórias de CODA brasileiros que aprenderam a Língua Portuguesa somente depois de ingressarem na escola. Essas crianças, normalmente, tornam-se intérpretes de seus pais. Algumas, inclusive, perdem sua infância acompanhando os pais em consultas médicas, ao supermercado, à farmácia e interpretando conversas, programas televisivos entre outros.

Nesse sentido, Quadros e Masutti (*apud* STREIECHEN e KRAUSE-LEMKE, 2013, p. 6) relatam que “para as famílias surdas, os CODA são vistos como possíveis “pontes” entre os mundos surdo e ouvinte”. Isso significa que estes auxiliam na compreensão e interação de seus pais surdos com o mundo a sua volta e por estes se sentem responsáveis.

Seguindo esta mesma linha de pensamento Souza (2010, p. 3) defende que:

O sentido de responsabilidade é assumido muitas vezes pelos CODA, significando ter de ‘tomar conta dos pais’, ou seja assumir responsabilidades em idades desadequadas. Esta ideia surge, muitas vezes, por parte de familiares, que sendo ouvintes, consideram que a criança terá que cuidar dos pais.

Por ser o interlocutor de seus pais, os CODA se sentem responsáveis no cuidado e na comunicação destes, assumindo assim em idade imprópria responsabilidades de um adulto. Muitas vezes, o próprio adulto deixa transparecer a ideia de que por serem seus pais, as crianças têm o dever de zelar e cuidar deles.

Segundo Souza (2010), por meio do relacionamento com seus familiares, os CODA desde cedo se vêem rodeados por estímulos visuais, já que seus pais os utilizam por meio da linguagem visual. Ao entrarem em contato com crianças ouvintes perceberão que em seu desenvolvimento alicerçam duas línguas. Em outras palavras, adquiram o bilinguismo, este que, segundo o mesmo autor, contempla quatro itens, é o que assevera:

1. Origem: caso se tenha aprendido duas línguas no seio familiar com os nativos da língua desde sempre; se tenha usado as duas línguas em paralelo para comunicar desde o início.
2. Identificação: interna: identificação pessoal como sendo bilíngüe, tendo duas línguas e duas culturas.
3. Identificação: externa: é identificado por outros como sendo bilíngüe, como sendo falante nativo de duas línguas.
4. Competência: conhecimento profundo das duas línguas; enquanto nativo controlar as duas línguas; ser conhecedor profundo de igual forma das duas línguas; conseguir produzir um discurso completo na outra língua; ter pelo menos conhecimento e controlo da estrutura gramatical da outra língua; ter estado em contato com outra língua.
5. Função: usar, ou conseguir usar duas línguas, em concordância com a sua própria vontade e com as demandas da comunidade. (SOUZA, 2010, p. 4)

O bilinguismo¹ nasce do convívio de mais de uma língua, convivência esta que auxiliará no ato do desenvolvimento da comunicação, dando competência aos falantes e ouvintes.

Como podemos perceber, os CODA nascem num ambiente em que os sons não são comuns, porém, a partir de seu nascimento os sons passam a ser comuns para eles e não para seus pais. Em alguns casos, filhos de pessoas com surdez também nascem surdos, estes também são considerados CODA. Os que podem ouvir servem de auxílio para seus pais, aprendem por meio do bilinguismo e vêm o mundo de variadas formas.

2.2 Caracterizando a surdez

Vimos no capítulo anterior a discussão sobre o CODA, a qual nos permite entender a existência de filhos que não têm nenhuma deficiência auditiva, mesmo tendo mãe e pai com tal deficiência. Assim sendo, torna-se necessário conhecermos um pouco sobre a deficiência auditiva, ou seja, como ela afeta os indivíduos.

A surdez caracteriza-se, segundo Pereira (2002, p. 1) como,

[...] por uma ausência, dificuldade, inabilidade para ouvir sons específicos (tons puros), ambientais (ruídos familiares) e os sons da fala humana (tons complexos). Sendo assim, dizemos que a audição está ligada a um comportamento auditivo e à integridade neurológica, biopsicológica e perfeita função das estruturas auditivas centrais e periféricas. Pode-se dizer que estas características não se limitam apenas à dificuldades auditivas, refletindo também nos aspectos linguísticos, emocionais, educacionais, sociais e culturais.

A surdez se caracteriza por uma deficiência gerando incapacidade de ouvir sons, estes que podem ser do meio social, familiar e até mesmo da fala. Por causa desta deficiência, o indivíduo é prejudicado no seu desenvolvimento linguístico, emocional, educacional, social e cultural.

Pereira (2002, p. 1-2), destaca que a definição da surdez se dá

¹ A abordagem educacional por meio do bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas: a língua de sinais e a língua da comunidade ouvinte.

As propostas educacionais começam a estruturar-se a partir do Decreto 5 626/05 que regulamentou a Lei de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Dessa forma, os surdos passaram a ter direito ao conhecimento a partir desta língua. O português é utilizado na modalidade escrita, sendo a segunda língua, e a educação dos surdos passa a ser bilíngüe. (KUBASKI e MORAIS, 2009, p. 3415, disponível em http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf)

[...] a partir dos seus aspectos orgânicos, sendo classificada de acordo com a localização da lesão: assim temos: disacusia de condução ou transmissão, se o impedimento for no ouvido externo ou médio; disacusia neurossensorial se a lesão for no Órgão de Corti; disacusia neural se a lesão ocorrer no nervo acústico e disacusia mista quando o fator patológico comprometer, simultaneamente, os ouvidos médio e interno.

Para definir a surdez é preciso levar em conta seus aspectos orgânicos, que a permitem classificar em conformidade com o local lesionado, tais lesões impedem o funcionamento normal das atividades que o ouvido deve desenvolver.

A “[...] surdez é uma privação sensorial que interfere diretamente na comunicação, alterando a qualidade da relação que o indivíduo estabelece com o meio; ela pode ter sérias implicações para o desenvolvimento de uma criança” (ARANHA, 2005, p. 17). A pessoa surda encontra dificuldades na sua comunicação com o outro e com a sociedade.

De acordo com Aranha (2005, p. 178) os graus da surdez são definidos da seguinte maneira:

- **Surdez leve:** a criança é capaz de perceber os sons da fala, adquire e desenvolve a linguagem oral espontaneamente; o problema geralmente é tardiamente descoberto, dificilmente se coloca o aparelho de amplificação porque a audição é muito próxima do normal.
- **Surdez moderada:** a criança pode demorar um pouco para desenvolver a fala, a linguagem; apresenta alterações articulatórias (troca na fala) por não perceber todos os sons com clareza; tem dificuldade em perceber a fala em ambientes ruidosos; são crianças desatentas e com dificuldade no aprendizado da leitura e escrita.
- **Surdez severa:** a criança terá dificuldades em adquirir a fala e linguagem espontaneamente; poderá adquirir vocabulário do contexto familiar; existe a necessidade do uso de aparelho de amplificação e acompanhamento especializado.
- **Surdez profunda:** a criança dificilmente desenvolverá a linguagem oral espontaneamente; só responde auditivamente a sons muito intensos como: bombas; necessita fazer uso de aparelho de amplificação e/ou implante coclear, bem como de acompanhamento especializado.

Quando a criança tem uma surdez leve ela até pode perceber os sons da fala, a linguagem oral pode ser nela adquirida e desenvolvida, quase não tem a necessidade de utilizar aparelho auditivo. Quando tem surdez moderada lentamente aprende a falar e sua linguagem apresenta-se com dificuldades, assim, quase não presta atenção e tem dificuldade ao ler e escrever.

Em Aranha (2005, p. 15-16) encontramos a divisão da etiologia da surdez, são elas:

- Pré-natais – surdez provocada por fatores genéticos e hereditários, doenças adquiridas pela mãe na época da gestação (rubéola, toxoplasmose, citomegalovírus). E a exposição da mãe a drogas ototóxicas (medicamentos que podem afetar a audição).
- Peri natais – surdez provocada mais frequentemente por parto prematuro, anóxia cerebral (falta de oxigênio no cérebro logo após o nascimento) trauma de parto (uso inadequado de fórceps, parto excessivamente rápido, parto demorado).

- Pós-natais – surdez provocada por doenças adquiridas pelo indivíduo ao longo da vida, como: meningite, caxumba, sarampo. Além do uso de medicamentos ototóxicos, outros fatores também têm relação com a surdez, como o avanço da idade e acidentes.

A surdez é uma deficiência que pode ser iniciada por meio de doenças e fatores hereditários, as drogas, por exemplo, a rubéola, dentre outras, são causas desta. Ela pode ser iniciada por traumas ocorridos durante o parto e até mesmo no decorrer do cotidiano dos indivíduos, com o avançar da idade e situações que envolvem acidentes.

Pereira (2002, p. 1) vem asseverar que “[...] durante muito tempo o surdo foi considerado como deficiente sensorial, motor e mental, vindo daí a expressão “surdo-mudo”, que significa ausência de audição e incapacidade para articular a palavra”. Infelizmente considerava-se por muito tempo que todo indivíduo surdo, tinha dificuldades de sentir, locomover e pensar.

Na visão de Souza (2005, p. 22) a criança pode desenvolver sua audição a partir do momento em que:

[...] aprende a reconhecer e compreender os sinais auditivos existentes no ambiente. Sendo assim, a criança ouvinte desenvolve espontaneamente a sua comunicação, propiciando uma interação automática com o meio em que está inserido. Por outro lado, a criança surda torna-se prejudicada no seu desenvolvimento comunicativo por não ter acesso às informações auditivas que são importantes para a aquisição da fala e da linguagem. Dessa forma, se faz necessário o uso da ampliação adequada, tão logo o problema auditivo seja detectado.

O reconhecimento e a compreensão dos sinais auditivos no meio social em que está inserido significa que este pouco a pouco vai desenvolvendo sua audição e, conseqüentemente, sua maneira de comunicar, possibilitando uma interação entre ambos. A falta de informações auditivas vem prejudicar a criança surda em sua comunicação, portanto, é preciso ampliar as possibilidades de audição e detectar o mais cedo possível a problemática da audição.

Souza (2006, p. 28) defende que o implante coclear auxilia no desenvolvimento da audição, pois possui componentes necessários para ativar a audição, estes que são “[...] formados pelo microfone, pelo processador de fala e antena externa, tendo como funções captar e converter o sinal acústico (como os sons de fala) em sinal elétrico”.



Implante Coclear (fonte: Google Imagens)

Diagnosticar a surdez é sempre uma opção que auxilia no tratamento da surdez, é o que diz Espelocin (2007, n.p)

[...] A primeira avaliação é feita pela família, a partir da observação da ausência de reações de sons, comportamento diferente do usual (criança muito quieta, criança que dorme muito e em qualquer ambiente, não assusta com sons intensos e um pouco mais velha não desenvolve a linguagem). Primeiro, procura-se o profissional da saúde (pediatra o qual encaminha a criança ao otorrinolaringologista e o próximo passo a avaliação audiológica). Audiometria: medida de acuidade auditiva. Audiômetro: aparelho que serve para medir a acuidade auditiva. Audiograma: gráfico que indica a relação entre a frequência do som e a percepção do ouvido.

Levando em consideração que o primeiro contato da criança é com a família, fica explícito que é no ambiente familiar que é preciso ser feito um pré-diagnóstico da surdez, por meio de observação do comportamento da criança em relação aos sons da fala. Quando percebido algo diferente é preciso procurar um profissional adequado para diagnosticar e tratar desta da maneira que julgar necessário.

Assim sendo, podemos destacar que a caracterização da surdez se mostra uma deficiência que atinge muitas pessoas, privando de ouvir os sons de forma esperada. É preciso que a família e outros profissionais possam diagnosticar tal deficiência desde cedo para que possam ser tomadas medidas adequadas que melhorem o desenvolvimento da criança deficiente auditiva.

2.3 Trabalhando com a deficiência auditiva na sala de aula

Se observarmos o item anterior, vemos que a surdez afeta o desenvolvimento do indivíduo, porém ela não o impede de aprender. O que se deve entender é que diante de tal deficiência é preciso trabalhar de forma a compreender os limites e as possibilidades de cada aluno; buscando, assim, práticas educativas mais eficientes e eficazes.

De acordo com Mantoan (2006) Ser sensível às dificuldades dos alunos, trabalhando com o coletivo e valorizando os limites de cada um, a ponto de fazer com que possam agir como cidadãos, é tarefa do educador que ainda deve estar sempre refletindo sobre sua prática.

O educador, em conformidade com o Programa de Educação Inclusiva (2008, p. 36):

[...] É preciso estudar, sem a preocupação de generalizar, pois cada caso é diferente. É preciso estar, constantemente criando alternativas de aprendizagem, refletir sobre elas, refazer e, principalmente avaliar as estratégias utilizadas para alcançar determinados objetivos.

A generalização de trabalhar com os alunos não é cabível, pois cada um aprende a sua maneira assim, é propício que estejam sendo criadas constantemente novas possibilidades dos alunos aprenderem. É importante, ainda, que o educador tenha o hábito da reflexão e avaliação de forma plausível às atividades que estão sendo desenvolvidas.

Ao trabalhar com alunos com necessidades especiais é exigido do professor que se esforce e ajuste suas rotinas, flexibilizando assim para o currículo e dessa forma poder realmente planejar adequadamente suas atividades. (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2008)

Ressalte-se que o professor ao trabalhar com alunos que tenham necessidades especiais ele deve se adequar e ser flexível respeitando as singulares de cada um deles.

Pesquisar, recolher informações para análise, é dever do educador para melhorar a prática educativa na qual o educando tenha sucesso em sua aprendizagem e tenha sempre o interesse em aprender. (DIEZ, 2010)

Ao educador cabe a tarefa de “[...] planejar para todos, incrementando as oportunidades de participação; que o apoio à diversidade é responsabilidade de todos e não exclusivamente do profissional de apoio” (DIEZ, 2010, p. 24). Quando for planejar é necessário olhar de forma totalizada, ou seja, todo o contexto em que está trabalhando, visando à participação e ao apoio de todos.

Assim, “[...] a questão central da aula inclusiva é a capacidade que o docente tem de organizar as situações de ensino de modo a tornar possível personalizar as experiências comuns de aprendizagens” (DUK, 2006, p. 175). A organização de seu trabalho é satisfatória para que sejam personalizadas as experiências comuns no ato de aprender.

Na visão de Duk (2006, p. 175) os educandos devem sentir que:

[...] podem ter um êxito em sua aprendizagem, especialmente quando tem dificuldades ou algum histórico de fracasso. Nesse sentido, é preciso planejar atividades que com a ajuda necessária possam levar à solução do problema, ressaltando o esforço do aluno(a) e não só os resultados por ele obtidos.

Todos os alunos são capazes de ter êxito em suas atividades, cada qual à sua maneira, e isso deve ser sentido por eles, sentir que é capaz de aprender pode auxiliá-lo na sua aprendizagem. O educador tem que se preparar para atender às necessidades de cada um.

Assim, “[...] os profissionais que trabalham com surdos não duvidam de que o processo de aquisição da língua falada pelo surdo jamais ocorre da mesma forma que acontece com a criança que ouve, porque esse processo exige um trabalho sistemático e formal”. (QUADROS, 1997, p. 22)

De acordo com Duk (2006, p. 195):

[...] é na classe que se dá a convivência entre aluno(a) e docentes. Daí a importância de que a sala de aula seja concebida como uma comunidade organizada de aprendizagem, na qual com base na mediação curricular se estabelece uma relação de permanente comunicação entre os integrantes. Assim, a organização da rotina, o clima social da aula, os métodos, as estratégias e os recursos pedagógicos destinam-se a assegurar um processo educacional integral, flexível e dinâmico, que facilite a participação e o desenvolvimento de aprendizagens significativas de todos e cada um dos alunos.

Sabe-se que no cotidiano da sala de aula existe a convivência entre os alunos e o educador, com isso, há necessidade de flexibilidade, dinamismo por parte do educador também atentar as singularidades de cada aluno; considerando que a aprendizagem requer um convívio amigável e também participação de todos.

O educador pode intervir de forma adequada no decorrer da aprendizagem do aluno, neste momento necessita-se que outros colegas possam auxiliá-lo, pois o compartilhamento de ideias é essencial para a prática educativa. (DUK, 2006)

Um das formas de se trabalhar com a deficiência auditiva na sala de aula é por meio do bilinguismo que é uma proposta de trabalhar com a variedade da língua, sob diferentes culturas e linguagens voltadas para a pessoa com surdez, proposta esta que está sendo abordada nas escolas em que a educação inclusiva já é uma realidade. (QUADROS, 1997)

Para Quadros e Massuti (2007) ao se tratar dos casos bilíngues, é percebido que é uma linguagem construída no meio cultural, como é o caso dos CODA (crianças ouvintes filhos de pai e mãe surdos) que convivem com a pessoa surda e que utiliza tanto a linguagem de sinais para a comunicação com os pais como a oral com os demais familiares e amigos.

Tratando da questão do bilinguismo as comunidades surdas percebem o valor de sua língua – língua de sinais – e os profissionais da educação na área da surdez passam a adquirir

conhecimentos e informações que são levantadas por meio de pesquisas e estudos da língua sinalizada e estão em busca de estudos bilíngues, como proposta de ensino educacional.

Segundo Pereira (2008), as questões a respeito da importância da aprendizagem oral para a pessoa com surdez, o quanto é necessário para seu desenvolvimento e interação com a família e no meio social, a língua oral é a segunda língua dos surdos, já que a língua de sinais é considerada natural da pessoa surda e é adquirida naturalmente em seu ambiente familiar.

De acordo com Damásio (2007) A prática educativa com os deficientes auditivos deve ser desenvolvida num local em que se faz presente o bilinguismo, em que são trabalhadas as línguas de sinais e a portuguesa.

É salientado por Aranha (2005, p. 74) que:

A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, juntamente com algumas secretarias estaduais e municipais de educação, escolar e especiais e movimentos religiosos têm se constituído em pontos de referência para as pessoas que buscam conhecer a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Recentemente, foi lançado em nível nacional, o primeiro dicionário ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira a que, certamente, contribuirá para a divulgação da língua de sinais e concretização da educação bilíngue no Brasil. Além da língua de sinais, meio privilegiado de interação simbólica, diferentes formas de comunicação que utilizam outros códigos visuais deverão estar presentes na sala de aula, beneficiando a relação entre professor/alunos surdos e demais alunos.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) vem ganhando cada vez mais espaço na prática educativadas escolas, além disso,ela oportuniza aos alunosuma aprendizagem bilíngue e atos de leitura e escrita.

Na opinião de Salles (2004, p. 46) LIBRAS é uma língua,

[...] como qualquer outra língua materna, adquirida efetiva e essencialmente no contato com os falantes. Esse contato acontece, normalmente com a participação nas Comunidades Surdas, onde a Cultura Surda vai pouco a pouco florescendo e, ao mesmo tempo, se diversificando em seus hábitos e costumes, que, pelos contextos distantes e diferenciados, refletem regionalismos culturais da Comunidade Surda.

A LIBRAS requer sempre o contato da pessoa com surdez com outras pessoas, em seus costumes, hábitos e tradições, esse contato permite florescer novas formas de aprender e, assim, manter-se perto da cultura.

Sales (2004, p. 47) vem dizer que a LIBRAS na escola deve ser realizada de forma a “[...] privilegiar a visão, por meio da língua portuguesa escrita, que, por se tratar de disciplina da segunda língua, deve ser ministrada em turma exclusiva de surdos. É preciso que os profissionais seenvolvam com o ensino de língua portuguesa para surdos”.

Seguindo, ainda, as ideias de Salles (2004, p. 47) se torna necessário que:

[...] a educação dos surdos seja efetivada em língua de sinais, independentemente dos espaços em que o processo se desenvolva. Assim, paralelamente às disciplinas curriculares, faz-se necessário o ensino de língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo. Nesse processo cabe ainda que o ensino de língua portuguesa deve contemplar temas que contribuam para a afirmação e ampliação das referências culturais que os identificam como cidadãos brasileiros.

Educar uma pessoa com surdez não deve ser privada do trabalho com a língua de sinais e portuguesa, seja na sala de aula, pátio e no ambiente escolar como um todo. Utilizar métodos e materiais neste processo é essencial na ampliação cultural que permite aos alunos se identificarem como cidadãos brasileiros.

Atender o educando em língua de sinais requer planejamento, é o que ressalta Damásio (2007, p. 32):

[...] O atendimento deve ser planejado a partir do diagnóstico do conhecimento que o aluno tem a respeito da Língua de Sinais. O professor e/ou instrutor de LIBRAS organiza o trabalho de Atendimento Educacional Especializado, respeitando as especificidades científicas a serem introduzidas pelo conteúdo curricular. Eles procuram os sinais em LIBRAS, investigando em livros e dicionários especializados, internet ou mesmo entrevistando pessoas adultas com surdez, considerando o seguinte: Caso não existam sinais para designar determinados termos científicos, os professores de LIBRAS analisam os termos científicos do contexto em estudo, procurando entendê-los a partir das explicações dos demais professores de áreas específicas (Biologia, História, Geografia, dentre outros);

A afirmação acima permite considerar que ao trabalhar com a língua de sinais, o professor tem que ser um pesquisador de teorias que melhor explicitam a maneira eficaz de desenvolvê-la junto a outras disciplinas.

É destacado por Aranha (2005, p. 79) que o profissional da educação tem que “[...] conhecer a história de vida de seus alunos compreendendo seu completo desenvolvimento, a fim de tomar as decisões educacionais mais adequadas em relação às suas necessidades”. A partir do momento em que conhece o cotidiano de seu educando, o educador tem a oportunidade de entender sua formação, podendo, assim, tomar atitudes que possam favorecê-lo.

Damásio (2007, p. 38) defende que o professor responsável pelo atendimento educacional especializado, deve ser,

[...] um professor, preferencialmente formado em Língua Portuguesa e que conheça os pressupostos linguísticos teóricos que norteiam o trabalho, e que, sobretudo

acredite nesta proposta estando disposta a realizar as mudanças para o ensino do português aos alunos com surdez. O que se pretende no Atendimento Educacional Especializado é desenvolver a competência gramatical ou linguística, bem como textual, nas pessoas com surdez, para que sejam capazes de gerar sequências linguísticas bem formadas.

Para trabalhar com alunos com surdez, torna-se necessário que o professor tenha uma formação eficiente e eficaz, que o faz se identificar com atitudes e práticas que viabilizem um trabalho educativo competente e promissor.

Levando em consideração a discussão aqui levantada, podemos destacar que a deficiência auditiva mesmo afetando o indivíduo, não deve desmerecer as possibilidades que este tem, já que a aprendizagem deve ser considerada na diversidade. Cada aluno aprende em conformidade com seus limites e possibilidades.

3 CODA: TRANSCRIÇÕES DE SUAS EXPERIÊNCIAS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

Tivemos a oportunidade de conhecer no capítulo anterior, o cotidiano familiar do CODA em sua abordagem teórica, neste momento, discutiremos aqui este cotidiano em sua prática, ou seja, a vivência deste na prática e a influência no cotidiano escolar.

A realização desta parte do trabalho contou com a participação de três CODA, sendo um pertencente ao sexo masculino (Danilo) e duas ao feminino (V. A. A; Andressa). No caso de Danilo e Vitória as entrevistas foram realizadas na própria Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS (Unidade de Paranaíba); já Andressa respondeu a entrevista em sua própria residência.

Os entrevistados D. A. A tem Vinte e cinco anos, nascido em 21 de Agosto de 1990; V. A. A tem 15 anos, nascida em 8 de fevereiro de 2001 e A. P. R nascida em 12 de Julho de 1994. Os três entrevistados demonstraram interesse em responder às perguntas, sentindo valorizados quanto à sua vivência familiar e escolar, já que percebem que seu cotidiano é um tanto diferente das demais pessoas que possuem pais ou responsáveis que não possuem surdez. Ao serem entrevistados, eles riam, ficavam sérios, emocionam-se e o mais importante se consideraram úteis para a pesquisa e para a sua família, principalmente, para seus pais que possuem surdez e deles possuem uma considerável dependência.

A seguir descreveremos as partes mais consideráveis das transcrições realizadas pelos entrevistados, descrevendo suas experiências, suas conquistas, suas dificuldades e suas expectativas. Para isso, antecederemos com a pergunta realizada e direcionada para estes.

A primeira pergunta os induziu a relatarem sobre suas infâncias, as brincadeiras, as experiências vividas neste período.

Danilo: Bom, minha infância foi uma infância normal, eu convivia com minha vó, meu avo, minha mãe e uma tia na mesma casa e uma prima. Então eu tinha os coleguinha da vizinhança, os primos da mesma idade que eu brincava, jogava, tudo normal.

Vitória: Bom não é muita coisa mas posso falar que foi uma infância proveitosa, assim eu acho aproveitei bastante dela e tal. E minha mãe sempre foi muito presente tipo ela é muda, deficiente auditiva, mas nem por ser deficiente auditiva ela deixava de participar, é super protetora. E ela sempre foi uma grande influência para mim, mesmo da minha mãe ser muda e surda ela vai me influenciar sempre.

Andressa: A minha infância eu diria, foi igual a de todos, porém, com uma diferença, que é a minha comunicação, sou filha de pais surdos, e desde os seis anos de idade minha mãe relata que comecei os meus primeiros sinais de comunicação em LIBRAS, porque meus pais já era fluentes na língua de sinais (...) porém minha mãe ser surda, ela nunca deixou de fazer seu papel como mãe, então a preocupação dela é duas vezes mais com a minha educação.

Como podemos perceber, os três entrevistados consideraram terem vivido uma infância normal, podendo ter contato com a família, auxiliando e sendo auxiliado, brincando, divertindo, mesmo sendo filhos de pais surdos. Isso mostra que as diversidades devem ser reconhecidas e valorizadas, já que elas não podem impedir uma pessoa de ter menos oportunidade que outra. (DUK, 2006)

Outra pergunta a ser respondida direcionou um olhar acerca da convivência dos entrevistados em seu ambiente familiar.

Danilo: minha mãe é mãe solteira no caso, então tinha meu avo, como pai, como representação masculina. E tudo que eu tinha de problema na escola, eu conversava com meu avo, minha avó ou minha tia que morava em casa.

Vitória: então, minha avó eu não cheguei conhecer, ela morreu eu tinha alguns meses, meu avô ele morreu eu tinha sete anos, então eu tive uma boa convivência com ele, pai do meu pai, e meus tios alguns eu ainda tenho convivência, essas coisas.

Andressa: a minha família, como meus pais são surdos, e eu tenho só um irmão e, eu não digo que tive dificuldade na comunicação, porque eu falo que sou privilegiada em aprender duas línguas. Na língua portuguesa eu tive dificuldades para julgar verbos, pois a gente fala que nem meus pais sinalizavam. Um exemplo que eu posso dar é “vamos para escola”, eu falava “vamos escola”. Faltava conectivos, então minha fala até hoje quando vou interpreta-la eu tenho que parar e pensar se não eu falo que nem os surdos, porque eu escrevia do jeito que sinalizava.

Podemos perceber que, os CODA entrevistados tiveram uma boa relação familiar, contando com a presença e o apoio de seus pais e responsáveis, o que contribui positivamente para a superação de desafios, desigualdades e exclusão. É interessante considerar que “[...] a participação nas experiências cotidianas verificadas no lar e na comunidade são essenciais para o completo desenvolvimento da criança” (DUK, 2006, p. 155).

Ademais, no convívio familiar ocorre “[...] as trocas de olhares, carícias, brigas e os momentos de conversação que os indivíduos estabelecem entre si configuram um ambiente de compartilhamento de informações e aprendizados”

Questionamos ainda com os entrevistados em relação à convivência escolar, sua relação com colegas, professores etc.

Danilo: quando entrei na escola eu tinha 4 anos e fui fazer o Jardim A na escola Aracilda, depois eu fiz o pré com 5 anos no Antonio Garcia de Freitas e lá fiquei por um bom tempo. Eu lembro que meu avo sempre me levou e me buscou na escola, eu era uma criança que tinha muito medo, então meu avô no pré e na primeira série ia e ficava na escola me esperando. Toda reunião, tudo que precisava geralmente meu avô ia, ou a minha tia ia que ela era um pouquinho mais instruída que meu avo, ele era analfabeto, se era alguma coisa que tinha que assinar ele não ia nas reuniões, mas ele sempre estava presente na escola. Por ser uma escola pequena, todos ali se conheciam e sabiam que minha mãe era surda e muda.

V. A. A: Bom, são convivências boas, eu diria. Quando eu era menor a minha mãe ia me levar, me buscar por causa dessas coisas que eu tinha que me aprender a

orientar, essas coisas, a minha mãe foi sempre simpática com as pessoas mesmo não podendo falar. E minha convivência com meus colegas sempre foi amigável, sempre mantive bem amigável não me meter em encrencas e minha mãe, ela foi uma pessoa que me ajudou muito.

Andressa: Bom, os meus amigos da escola já conheciam meus pais, não era novidade falar que tinha pais surdos, pois morava na esquina de casa e todos os meus coleguinhos era vizinho. Então me recordo que minha mãe ficava de fora, vendo eu e meu irmão, que eu tenho um irmão também, ele é CODA, ficava lá esperando a gente ir e voltar. E dentro da escolarização, os meus amigos chamavam meus pais de mudinho, até hoje eu chamava, porque eu não tinha esse conhecimento que era uma deficiência, que era a surdez.

É percebido que no cotidiano escolar desses CODA, seus pais e responsáveis se importavam com sua ida e vinda da escola e quando podiam estavam presentes, ali elas compareciam. Alguns colegas estranham os pais de seus colegas serem surdos, porém para os CODA a surdez fora algo natural. Na concepção de Duk (2006) a diversidade deve estar sempre sendo trabalhada na educação para aos poucos os educandos vão aceitando e respeitando às diferenças.

Foi indagado se os CODA sofreram ou ainda sofrem alguma discriminação ou preconceito por terem pais surdos.

Danilo: não eu não me lembro, nada muito ... porque é igual eu falei, sempre causa estranheza nas pessoas, mas as pessoas vem com uma certa antipatia, empatia, na verdade, desculpa, de se colocar no lugar, fala: Sériu eu não sabia ... que legal... Geralmente as pessoas usam estes termos (...) no caso o que acontece é a questão da dependência da minha mãe, se precisar ir ao banco, essas coisas, tudo eu tenho que ir pois sou o porta voz dela.

V. A. A: de certa forma sim, sempre tem preconceito, as pessoas geralmente não vêem, não aceito muito bem, porque tipo, é filha de muda e surda, então eles vêem com outros olhos ... bom geralmente tem muito preconceito em cima disso. Sendo filha de uma mulher muda as pessoas começam a fazer o chamado bullying.

Andressa: bom eu digo que nunca sofri preconceito, quem sofreu preconceito na verdade foram meus pais, mas de um modo ou não, a sociedade sempre tem um olhar crítico, mas eu sempre consegui relevar, eu sempre digo que precisei ser interprete desde pequena, a gente ia ao mercado, até hoje se a gente vai ao mercado ao banco, os lugares não tem interprete para os meus pais, tanto eu como meu irmão. Nós tem uma vida normal assim, não é porque meus pais tem essa deficiência que eu tive uma infância diferente das outras.

Vimos acima dois apontamentos importantes em relação ao preconceito nos casos acima, ora se mostra explícito ora implícito, infelizmente a discriminação ainda é uma realidade que passa por cima dos valores da igualdade e aceitação. A prática do *bullying* é constante, segundo Silva (2010, p. 21) este se concretiza em:

[...] um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um bully (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender. Seja por uma questão circunstancial ou por uma desigualdade subjetiva de poder, por trás dessas ações

sempre há bully que domina a maioria dos alunos de uma turma e proíbe qualquer atitude solidaria em relação ao agredido.

A prática do *bullying* evidencia uma atitude desumana que maltrata a pessoa tanto física ou psicologicamente, impossibilitando o agredido de se defender. Quem o pratica se sente o detentor do poder, da razão, quem o sofre passa por humilhações e traumas.

Outro apontamento importante é em relação aos CODA serem intérpretes de seus pais, ou seja, a porta voz destes, já que não conseguem falar e nem ouvir. De acordo com Streiechen e Krause-Lemke (2013) os CODA se tornam intérpretes de seus pais antes de adentrarem ao cotidiano escolar, sendo um auxílio no suprimento de suas necessidades.

Quanto à questão da utilização da LIBRAS, os entrevistados tiveram o seguinte apontamento:

Andressa: minha infância eu diria foi igual a de todos, porém com uma diferença, que é a minha comunicação, sou filha de pais surdos, e desde os seis anos de idade minha mãe relata que eu comecei os meus primeiros sinais de comunicação em **LIBRAS**, porque meus pais já eram fluentes na língua de sinais.

Danilo: ela usa a linguagem caseira que foi a que minha avó ensinou para ela.

V. A. A: bom, a gente não pratica muito porque a minha mãe não tem o hábito de praticar LIBRAS, ela nunca aprendeu, ela nunca teve vontade na verdade, a gente se comunica com ela através da LIBRAS caseira, que é a LIBRAS feita em casa.

É observado que os pais e os CODA se comunicam por meio da língua de sinais adquirida por estes desde o início de sua existência, uma cultura que eles já tinham e que os auxiliam em sua comunicação. LIBRAS é uma linguagem utilizada hoje na comunicação entre pessoas com surdez com as que não possuem. (QUADROS; MASSUTTI, 2007)

Como podemos perceber, as transcrições acima discutidas nos permitem considerar que os CODA compreendem o valor que eles representam para suas famílias, mais especificamente seus pais e responsáveis que são surdos e/ou mudos. Mãe e pai surdos requerem uma comunicação por meio da língua de sinais, seja ela adquirida culturalmente ou em outros ambientes. Os CODA se sentem um tanto responsáveis por seus pais, já que eles os auxiliam diariamente na comunicação seja em casa, rua, supermercado e dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas no decorrer desta pesquisa, inicialmente bibliográfica e concluída na prática, permite esclarecer algumas dúvidas em relação a deficiência auditiva, os filhos dos surdos (CODA) e a convivência entre eles, bem como os desafios, a superação e a sua história de vida.

A surdez afeta muitas pessoas impedindo-as de ouvir de forma plausível para sua comunicação. As pessoas que tem surdez podem ouvir de forma precária ou até mesmo nem ouvir nenhum som. Com isso, é necessário se comunicar por meio da linguagem de sinais, gestos, o que na verdade depende muito da vivência familiar e social.

Os surdos necessitam viver num ambiente de aceitação, amor, cuidado, zelo, paciência e acima de tudo respeito. É atribuído por lei, seus direitos de ir e vir nos espaços sociais, estudar em escola de ensino regular e participar das mesmas atividades que os demais alunos.

No espaço escolar em que os surdos estudarem deve respeitar a seus limites e possibilidades, seu modo de viver, comunicar, aprender e se desenvolver. Para tanto, contam com a proposta da educação inclusiva para fazer valer seus direitos de cidadãos, já que tal educação objetiva incluir todos os indivíduos tendo necessidades educativas especiais ou não num espaço comum, alicerçado na igualdade, respeito, solidariedade e aceitação das diversidades.

Os filhos de pais surdos (CODA) são para eles muito importantes, são auxiliares, companheiros, tradutores e outros. Em outras palavras, representam um papel essencial na convivência com eles e com a sociedade. Os CODA tentam levar uma vida normal e o mais importante os consideram normais, buscam viver não se importando com os preconceitos, discriminações, desafios; já que o que importa é a relação com seus pais e a superação de seus problemas.

Como vimos na prática, os CODA compreendem que têm uma tarefa desafiadora, porém valiosa, pois ajudam seus pais no dia-a-dia, buscam sempre entendê-los e serem seus porta-vozes quando for necessário. O carinho e a compreensão que têm para com seus pais é visível, satisfatório e gratificante, já que quando realizam as tarefas com amor e dedicação não se sentem obrigados e sim na condição de auxiliá-los.

Na prática pudemos observar que os CODA valorizam seus pais, compreendem que são diferentes, mas o que é importante é que tal diferença é aceita por eles. Eles falam de suas vidas com alegria de poderem ajudar seus pais, por mais que já tenham sofrido algum tipo de

bullying; passam além desses preconceitos e buscam viver de forma mais respeitosa e solidária possível.

Portanto, conclui-se que os CODA possuem um cotidiano comunicativo um tanto diferente, porém não inferiores às demais pessoas cujas comunicação não sofre nenhuma deficiência. Sua relação familiar é essencial para a superação de desafios e a aceitação das diferenças, limites e possibilidades condiciona a uma vivência mais considerável e humanizada.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. P. **O pluralismo na teoria contemporânea filhos ouvintes, pais surdos: um estudo sobre a identidade dos filhos.** Disponível em <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1571&Itemid=350> Acesso em 20 de outubro de 2016.
- ARANHA, Maria Salete Fábio. **Saberes e Práticas da Inclusão.** Brasília, DF: MEC/SEE, 2005.
- CODA, BRASIL. Disponível em <<http://codabrasil.blogspot.com.br/>> Acesso em 15 de abril de 2015.
- DAMÁSIO, Milene Ferreira Macedo. São: MEC/SEESP, 2007.
- DIEZ, Anabel Morina. **Traçando os mesmos caminhos para o desenvolvimento de uma educação inclusiva.** Inclusão. Revista Educação especial. Brasília. V5. 2010.
- DUK, Cynthia. **Educar na diversidade: material de formação docente.** 3 ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- ESPELOCIN, Eliúcia de Freitas Lopes Gonçalves. **Oficina, Identidade, saber e prática da educadora de aluno com deficiência auditiva.** Paranaíba, MS: UEMS, 2007.
- FREITAS, Sônia Maria. **Historia oral: possibilidades e procedimentos.** 2 ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. **O bilinguismo com proposta educacional para crianças surdas.** 2009. Disponível em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf> Acesso em 20 de novembro de 2016.
- MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de Historia Oral.** 5 ed. São Paulo, 1996.
- MANTOAN, Maria Tereza Égler. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.
- PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez: Aquisição de Linguagem e Inclusão.** Rio de Janeiro: Reiventer, 2002.
- PINSK, C. B (Org). **Fontes históricas.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- PROGRAMA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA: direito à diversidade.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, R. M; MASSUTTI, M. **ESTUDOS SURDOS II – CODAs Brasileiros: LIBRAS e Português em zona de contato.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007.

SILVA, A. B. B. **Bullying**: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, J. (2010). **As crianças ouvintes filhas de pais surdos e a aquisição da língua gestual portuguesa e catalã**: História de vidas cruzadas. Tese de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa. Lisboa. Portugal.

STREIECHEN, Eliziane Manosso; KRAUSE-LEMKE, Cibele. **A aquisição da Libras por crianças ouvintes filhas de mãe surda num contexto multilíngüe**. 2013. Disponível em <http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_04/130.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2016.

STROBEL, K. L. **Vestígios Culturais não registrados na história**. Florianópolis. Tese de Doutorado em Educação – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

ANEXO 1 - ENTREVISTAS

Entrevistador: hoje é dia 18 de abril de 2016, estou na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul na UEMS. Estou para fazer uma entrevista com Coda, filho ouvinte de pais surdos. Boa tarde Danilo, tudo bem?

Danilo: tudo bem.

Entrevistador: Danilo, me fala a data o dia o ano que você nasceu?

Danilo: DaniloA. A, eu tenho vinte e cinco anos, eu nasci em 21 de agosto de 1990.

Entrevistador: Danilo, relata pra gente um pouquinho da sua infância, como foi os jogos as brincadeiras, o que você tiver de lembrança.

Danilo: bom, minha infância foi uma infância normal, eu convivia com minha vó, meu avô, minha mãe e uma tia tudo na mesma casa e uma prima. Então tinha os coleguinha da vizinhança, os primos da mesma idade que eu, que brincava, jogava, tudo normal. Mas eu sempre fui uma criança tímida, então eu não me enturmava nessas atividades de futebol, brincava mais de pega-pega, esconde-esconde, brincar com terra, na areia, essas coisas.

Entrevistador: e a convivência com seus pais, como que foi?

Danilo: minha mãe é mãe solteira no caso, então tinha meu avô, como pai, como representação masculina. E tudo que eu tinha de problema na escola, eu conversava com meu avô, minha avó ou minha tia, eu tinha uma tia que morava em casa.

Entrevistador: Você se recorda em algum momento de perceber que seus pais eram surdos?

Danilo: no caso minha mãe, né. Então, eu não me recordo de lembrar, nossa, assim minha mãe e surda, mas eu lembro de perguntar pra minha avó, porque minha mãe é surda, o que aconteceu, porque ela não fala, sempre vinham essas perguntas.

Entrevistador: Sua mãe faz a linguagem de LIBRAS, como ela se comunica?

Danilo: Não, ela usa a linguagem caseira que foi o que minha avó ensinou pra ela. Porque a gente sempre teve uma condição social ruim, meu avó e minha avó sempre trabalhavam com essas coisas, então eles vieram pra cidade minha mãe já era adolescente.

Entrevistador: Você se comunica com ela através da linguagem de sinais também?

Danilo: sim.

Entrevistador: Danilo, e da escolarização, da escola, professores o que você tem a dizer?

Danilo: Quando eu entrei na escola eu tinha 4 anos e fui fazer o Jardim A na escola Aracilda, depois eu fiz o pré com 5 anos no Antonio Garcia e lá fiquei por um bom tempo. Eu lembro que meu vô sempre me levou e me buscou na escola, eu era uma criança que tinha muito

medo, então meu avô no pré e na primeira série ia e ficava na escola me esperando. Toda reunião, tudo que precisava geralmente meu avô ia, ou a minha tia ia que ela era um pouquinho mais instruída que meu avô, ele era analfabeto, se era alguma coisa que tinha que assinar ele não ia nas reuniões, mas ele sempre estava presente na escola. Por ser uma escola pequena, todos ali se conheciam e sabiam que minha mãe era surda e muda, mas ela não era tão presente na escola.

Entrevistador: nas festas, nos eventos, sua mãe participava?

Danilo: quando tinha alguma coisa na escola geralmente ela ia sim, quando tinha alguma festa.

Entrevistador: nas reuniões de pais?

Danilo: não, ela não participava. Era minha tia ou meu avô.

Entrevistador: na relação familiar assim, nas relações com os pais, as dificuldades...

Danilo: Na relação familiar igual eu falei minha família sempre foi muito pobre, meu avô era aposentado, ia trabalhar de free-lance ou tirar leite em algum lugar ou carpir alguma coisa, ou pegar empreitada pra poder complementar a renda, então a gente sempre foi uma família bem humilde e com limitações de compras e consumo no caso. Então a escola foi muito importante pra mim no social, nos assuntos sobre a sexualidade, porque eu não tinha muito recurso. Eu era tímido pra perguntar pro meu avô, minha mãe não falava, minha avó morreu eu tinha 10 anos. Então quando eu fui entrando no período da adolescência a escol ajudou muito nesse sentido, no sentido da informação de busca e aprendizado.

Entrevistador: retomando um pouquinho a escolarização, você sentia algum tipo de preconceito por parte dos coleguinhas por ter pais surdos, ou não?

Danilo: Não, não, não sofria. Era assim, sempre causava aquela estranheza, e curiosidade. quando alguém perguntava, ai eu falava, ah minha mãe é uma surdo e muda. Ai eles: - Ah, serio? Ate hoje na faculdade mesmo, au as vezes algum colega de faculdade, ou do trabalho vê minha mãe e vem me cumprimentar, eu falo que ela é surda pois eles cumprimentar com o cumprimento oral e eu falo eles falam: - Nossa, sério, não sabia. Porque você não falou e tal. Eu não vejo necessidade de ficar falando que ela é surda, pra mim é algo natural, eu preciso falar pras pessoas não se assustarem quando encontrar com ela.

Entrevistador: Danilo, e nas relações sociais, você sofreu algum tipo de preconceito, dificuldade, ou trauma que queira relatar?

Danilo: não, eu não me lembro, nada muito... porque é igual eu falei, sempre causa estranheza nas pessoas, mas as pessoas vem com uma certa antipatia, empatia, na verdade, desculpa, de se colocar no lugar, falar: - Sério, eu não sabia... que legal... Geralmente as pessoas usam estes termos. Mas sofrer preconceito mesmo, de alguém vir e falar, nossa sua mãe é surda, ou fazer *bulling* na escola, ou até mesmo depois de adulto, não. No caso o que acontece é, a questão da dependência da minha mãe. Se precisar ia ao banco, trabalho, essas coisas, tudo eu que tenho que ir pois sou o porta voz dela.

Entrevistador: ta certo Danilo. Muito obrigado pela colaboração, você quer relatar mais alguma coisa?

Danilo: Bom, eu sei que ter uma mãe especial, no caso de deficiência, é fantástico sabe, as experiências e os desafios psicológicos mesmo. Porque foi complicado, digo que vivi uma infância meio solitária, tem minha irmã que eu acabei tomando pra mim a responsabilidade de criar ela, criar em todos os sentidos de aconselhamento, mas é muito bacana porque você aprende muita coisa né, que se envolve em coisas diferentes, e eu pretendo estar me envolvendo mais com surdos e mudos para ver como são as experiências.

Entrevistador: ta certo então Danilo, muito obrigada.

Entrevistador: hoje é dia 18 de abril de 2016, estou na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul na UEMS. Estou para fazer uma entrevista com Coda, filho ouvinte de pais surdos. Boa tarde V, tudo bem?

V: Boa Tarde, Meu nome é V. A. A, tenho 15 anos, nasci em 2001, dia 08 de fevereiro. Está tudo ótimo.

Entrevistador: V, eu quero que você relate um pouquinho pra gente, sobre a sua infância, o que você lembra da sua infância que pode estar dividindo com a gente?

V: Bom não é muita coisa mas eu posso falar que foi uma infância proveitosa, assim, eu acho, aproveitei bastante dela e tal. E minha mãe sempre foi muito presente, tipo ela é muda, deficiente auditiva, mas nem por ser deficiente auditiva ela deixava de participar, é super protetora. E ela sempre foi uma grande influencia pra mim, mesmo da minha mãe ser muda e surda ela vai me influencia sempre.

Entrevistador: com certeza, sempre presente né? E a convivência com seus avos, seus tios?

V: então, minha avó eu não cheguei a conhecer, ela morreu eu tinha alguns meses, meu avô, ele morreu eu tinha sete anos, então eu tive uma boa convivência com ele, pai do meu pai, e meus tios alguns eu ainda tenho convivência, essas coisas.

Entrevistador: V, você morava aqui mesmo em Paranaíba, nasceu aqui?

Vitória: Nasci aqui...

Entrevistador: E o que você pode falar assim da escola, professores, colegas, assim as suas relações na escola?

V: Bom, são convivências boas, eu diria. Quando eu era menor a minha mãe sempre ia me levar, me buscar por causa dessas coisas que eu tinha que me aprender a orientar, essas coisas, a minha mãe sempre foi simpática com as pessoas mesmo não podendo falar. E a minha convivência com meus colegas sempre foi amigável, sempre mantive me manter bem amigável não me meter em encrencas e minha mãe, ela foi uma pessoa que me ajudou muito.

Entrevistador: E em relação aos seus coleguinhas, você já passou algum tipo de preconceito, ou não?

V: De certa forma sim, sempre tem o preconceito, as pessoas geralmente não veem, não aceito muito bem, porque tipo, é filha de muda e surda, então eles veem com outros olhos.

Entrevistador: Vitória, e assim na reunião de pais e filhos que sempre tem, como que era feito, sua mãe iria nestas reuniões, como era feito, quem fazia essas interpretações?

V: Na verdade ela não ia, meu irmão quem ia pra ficar mais fácil a comunicação.

Entrevistador: Vitória já, que estamos falando sobre escola, professores colegas, você teve alguma dificuldade na linguagem, em apreender a escrita, ou você não pratica a linguagem de sinais?

V: bom, a gente não pratica muito porque a minha mãe não tem o hábito de praticar LIBRAS, ela nunca apreendeu, ela nunca teve vontade na verdade, a gente se comunica com ela através da LIBRAS caseira, que é a LIBRAS feita em casa mas.

Entrevistador: mas assim você compreende ela e ela compreende?

V: sim, a gente se comunica dessa forma, a gente consegue interpretar o que uma ou outra fala.

Entrevistador: V, e em relação as festas e eventos que acontecia na escola, seus pais, sua mãe ela participava?

V: bom, na verdade eu não era muito de ir nessas festinhas, tinham algumas comemorações na escola que era mais em relação a dia das mães, dos pais essas coisas. Minha mãe ela não ia mas me levava, a gente sempre fazia alguma lembrança na sala e eu levava lembrancinha pra ela essas coisas.

Entrevistador: e ela não ficava com vontade de participar, não?

V: a então, isso eu nunca soube. Ela ficava meio assim e tal mas eu não sei se ela sentia vontade e tal, acho que sim, de compartilhar.

Entrevistador: Vitória, e em relação a família, a relação com seus pais, como se dá?

V: bom, em relação a família eu convivi mais com minha mãe eu não cheguei a conhecer meu pai, não tão bem assim, e foi mais a relação com a família com minha mãe meu avô e meu irmão mais e alguns tios mais próximos.

Entrevistador: Você teve alguma dificuldade, superação que queira comentar?

V: bom, geralmente tem muito preconceito encima disso. Sendo filho de uma mulher muda as pessoas começam a fazer o chamado *bulling*.

Entrevistador: Assim, muita gente...

V: é muita gente não, porque tipo a minha mãe geralmente ninguém entende, elas não entendem o meu ponto de vista, como eu me relaciono com minha mãe, essas coisas, eles não vivem pra saber.

Entrevistador: a sim, ta certo vitória, muito obrigado pela sua colaboração, você tem mais alguma coisa que você deseja comentar?

V: Acho que é só isso mesmo, obrigado você.

Entrevistador: hoje é primeiro de maio de 2016, estamos aqui na casa da andressa para fazer a entrevista com o Coda, Coda significa filho ouvinte de pais surdos. Boa tarde Andressa tudo bem?

Andressa: Boa tarde tudo e você?

Entrevistador: Andressa, por favor fale seu nome completo, data de nascimento, o ano que você nasceu, nome completo do seu pai, da sua mãe.

Andressa: Bom, meu nome é Andressa P. R, nasci no dia 12 de julho de 1994 sou filha de pais surdos, Jonerson R e Francisca P. D e sou uma coda.

Entrevistador: Andressa, gostaria que você relatasse um pouco da sua infância, o que você lembrar, sobre brincadeiras, convivência com pais, avós tios, o que você lembrar.

Andressa: A minha infância eu diria, foi igual a de todos, porém com uma diferença, que é a minha comunicação, sou filha de pais surdos, e desde os seis anos de idade minha mãe relata que comecei os meus primeiros sinais de comunicação em LIBRAS, porque meus pais já era fluentes na língua de sinais. E a minha mãe por ser surda teve uma grande ajuda da minha avó na minha infância, onde me influenciou com a fala né, na parte da minha comunicação. Porém por minha mãe ser surda, ela nunca deixou de fazer seu papel como mãe, então a preocupação dela é duas vez mais com a minha educação. E um exemplo de quando era bebe também é que minha mãe sempre me colocava no meio do casal, meus pais, para que quando eu chorasse essas coisas mais pessoal, que ela me socorresse. E também como meus pais eram surdos quando eu chorava e ela estava lá fora, a vizinha chamava ela cutucava ela e falava que eu estava chorando e ela ia ao meu encontro e me socorria. E desde pequena também, eu convivo com muito surdo, minha casa sempre foi freqüentada por muitos surdos, porque meus pais eles sempre teve muitos amigos e também som afilhada e sobrinha de surdos e esse é o meu relato sobre a minha infância.

Entrevistador: Andressa, e na fase da escolarização, a escola os professores, as relações na escola mesmo, as festas, os eventos, as reuniões de pais e filhos, como isso acontecia?

Andressa: Bom, os meus amigos da escol já conheciam meus pais, não era novidade falar que tinha pais surdos pois morava na esquina de casa e todos os meus coleguinhas era vizinho. Então me recordo que minha mãe ficava de fora, vendo eu e meu irmão, que eu tenho um irmão também, ele é coda, ficava lá esperando a gente ir e voltar. E dentro da escolarização,

os meus amigos chamavam meus pais de mudinho, até hoje eu chamava, porque eu não tinha esse conhecimento que era uma deficiência, que era a surdez. E o que me incomodava na minha infância nem era que meus pais era surdo, é que eu tinha uma amiga próxima e eu sempre via os pais delas indo trabalhar e ela ficavam sozinhas em casa, só que hoje eu revejo todos esses conceitos e vejo a importância de eu ter crescido com meus pais. Porque a nossa família ficou mais unida mais fortalecida e eu tenho mais recordações também. E as reuniões da escola sempre quem acompanhou foi a minha avó, ela sempre foi muito presente pois minha mãe não acompanhava tão bem, mas como naquela época não tinha interprete na cidade, porque depois acho que uma das primeiras interpretes foi a Radaí, né, só que antigamente não tinha nenhuma e como não tinha, tinha essa falta de acessibilidade para eles, então minha mãe ia e ficava lá com minha avó olhando e minha avó tentava passar pra eles. E o contexto da minha adolescência da minha escolarização também foi baseado nisso que estou dando.

Entrevistador: E em respeito a família, as relações com os pais, você teve alguma dificuldade, superação, como que foi?

Andressa: A minha família, como meus pais são surdos, e eu só tenho um irmão e, eu não digo que tive alguma dificuldade na comunicação, porque eu falo que sou até privilegiada em apreender duas línguas. Na língua portuguesa eu tive dificuldade para julgar verbos, pois a gente fala que nem meus pais sinalizavam. Um exemplo que eu posso dar é "vamos para escolar", eu falava "vamos escola". Faltava os conectivos, então, a minha fala até hoje quando vou interpretar eu tenho que parar e pensar se não eu falo que nem os surdos, porque eu escrevia do jeito que sinalizava.

Entrevistador: e a relação com a sociedade, os preconceitos, as dificuldades, o que você tem dizer?

Andressa: bom, eu digo que nunca sofri preconceito, quem sofreu preconceito na verdade são os maus pais, mas de um modo ou não, a sociedade sempre tem um olhar crítico, mas eu sempre consegui relevar, eu sempre digo que precisei ser interprete desde pequena, a gente ia ao mercado, até hoje se a gente vai ao mercado ao banco, os lugares não tem interprete. Então eu digo que desde pequena eu sempre fui um interprete pros meus pais, tanto eu como meu irmão. Nós tem uma vida normal assim, não é porque meus pais tem essa deficiência que eu tive uma infância diferente das outras.

Entrevistador: ta certo Andressa, muito obrigado pela sua colaboração e até próxima.

Andressa: eu que agradeço, qualquer coisa a gente estamos ai a disposição